Dando continuidade a uma tendência que já vinha se delineando desde o início deste ano, o crescimento da PEA (População Economicamente Ativa) nas seis regiões metropolitanas pesquisadas pela PME (Pesquisa Mensal do Emprego), do IBGE, no terceiro trimestre de 1998 permaneceu bastante acima daquele verificado em 1997, o que se traduz em um aumento da pressão exercida pela oferta sobre o desempenho do mercado de trabalho. Esse aumento, em última análise, reflete o próprio crescimento da População em Idade Ativa (PIA), de natureza essencialmente demográfica, haja vista que a taxa de participação vem apresentando um comportamento bastante similar ao de 1997.

Assim, em que pese o aumento do nível de ocupação havido no período, com a geração líquida de mais de 210 mil postos de trabalho, a taxa de desemprego pouco diminuiu, tendo sido igual a 7,65% em setembro último. Isto corresponde exatamente a dois pontos percentuais acima da taxa observada em setembro do ano passado, o que está em perfeita consonância com a evolução ocorrida ao longo de todo o ano de 1998 (tanto é que, da mesma forma, a taxa média dos três primeiros trimestres também foi dois pontos percentuais superior à média dos noves meses iniciais de 1997), conforme pode ser verificado no Gráfico da capa.

Em boa medida esta mudança de patamar pode, sem dúvida, ser atribuída à pressão do lado da oferta. Não menos verdadeira, contudo, é a inferência de que o comportamento da demanda por mão-de-obra colaborou também para o salto das taxas de desemprego em 1998. Apesar da expressiva geração de empregos no último trimestre para o qual existem informações disponíveis, o fato é que o nível de ocupação em setembro deste ano é basicamente o mesmo que existia um ano antes, refletindo um desaquecimento do mercado de trabalho metropolitano, em conseqüência de um quadro econômico pouco favorável.

Neste particular cumpre destacar dois fatos importantes. Primeiro, em termos das regiões metropolitanas, a de São Paulo - a maior e mais importante de todas elas - destaca-se sobremaneira por uma grande eliminação de postos de trabalho, de setembro a setembro. Segundo, no que diz respeito aos setores de atividade econômica, o segmento de serviços ainda é o que apresenta a maior expansão, ainda que em escala inferior ao dos primeiros anos do Plano Real. Sem maiores surpresas, a indústria de transformação é o setor com a maior redução líquida de empregos. O fato novo é a contração do emprego no comércio, um setor que vinha apresentando crescimentos seguidos, embora em ritmo decrescente, desde a implantação do plano de estabilização.

As maiores transformações na composição do pessoal ocupado vêm ocorrendo em relação à escolaridade dos trabalhadores. O número de postos de trabalho ocupados por trabalhadores na faixa de 0 a 4 anos de estudo tem diminuído acentuadamente (a redução foi superior a 400 mil nos últimos 12 meses), enquanto os demais grupos, principalmente aqueles de escolaridade intermediária, têm aumentado sua participação. Vale salientar que esta queda não se deve, aparentemente, a uma maior taxa de desemprego, mas sim a uma diminuição da PIA e da taxa de participação das pessoas com esta escolaridade no mercado de trabalho.

Por fim, os resultados da última Pesquisa Mensal do Emprego revelam que, após um prolongado período de queda quase que contínua, o rendimento médio nas regiões metropolitanas apresentou uma recuperação de 1,3%. Não obstante, como pode ser visto no Gráfico da capa, este crescimento foi insuficiente para neutralizar as perdas dos meses anteriores, de tal forma que, tomando-se agosto de 1997 como base de comparação, permanece existindo uma perda acumulada de 3,8%. O grupo que experimentou as maiores perdas foi o dos trabalhadores por conta própria e, em menor dimensão, os empregados com carteira. Já os empregados sem carteira, de forma algo surpreendente, conseguiram até mesmo aumentar, ligeiramente, seus rendimentos reais.

De forma sumária, pode-se afirmar que o desempenho do mercado de trabalho no

terceiro trimestre foi satisfatório. O nível de ocupação experimentou significativa expansão e houve estagnação, senão mesmo reversão, dos processos de crescimento do desemprego e queda do rendimento real. Duas qualificações, no entanto se fazem necessárias. Primeiro, a revitalização recente ainda não foi suficiente para compensar os maus resultados do início do ano, tanto que quando se toma igual período do ano anterior como referência, as comparações não são favoráveis. Segundo, apesar dos fatores sazonais no quarto trimestre serem propícios a uma continuidade desta recuperação recente, a formação de expectativas em relação a isto demanda alguma cautela, haja vista que só então serão captados em maior magnitude os impactos, sobre o mercado de trabalho, do agravamento das dificuldades por que passa a economia brasileira.